



O ÚLTIMO OLIMPIANO

RICK RIORDAN

PERCY
JACKSON
E OS OLIMPIANOS



O ÚLTIMO OLIMPIANO

TRADUÇÃO DE RAQUEL ZAMPIL



Copyright © 2009 Rick Riordan
Edição em português negociada por intermédio de
Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL
The Last Olympian

PREPARAÇÃO
Anna Távora

REVISÃO
Umberto Figueiredo Pinto
Cristiane Marinho

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS. RJ

R452u
2 ed

Riordan, Rick, 1964-
O último olimpiano / Rick Riordan ; tradução Raquel Zampil.
- 2. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.
384 p. ; 21 cm. (Percy Jackson e os olimpianos ; 5)

Tradução de: The Last Olympian
ISBN 978-85-8057-543-9
ISBN 978-85-98078-90-8 (Capa © John Rocco 2009)

I. Mitologia grega - Literatura infantojuvenil. 2. Poseidon (Divindade grega) - Literatura infantojuvenil. 3. Hades (Divindade grega) - Literatura infantojuvenil. 4. Zeus (Divindade grega) - Literatura infantojuvenil. 5. Literatura infantojuvenil americana. I. Zampilli, Raquel. II. Título. III. Série.

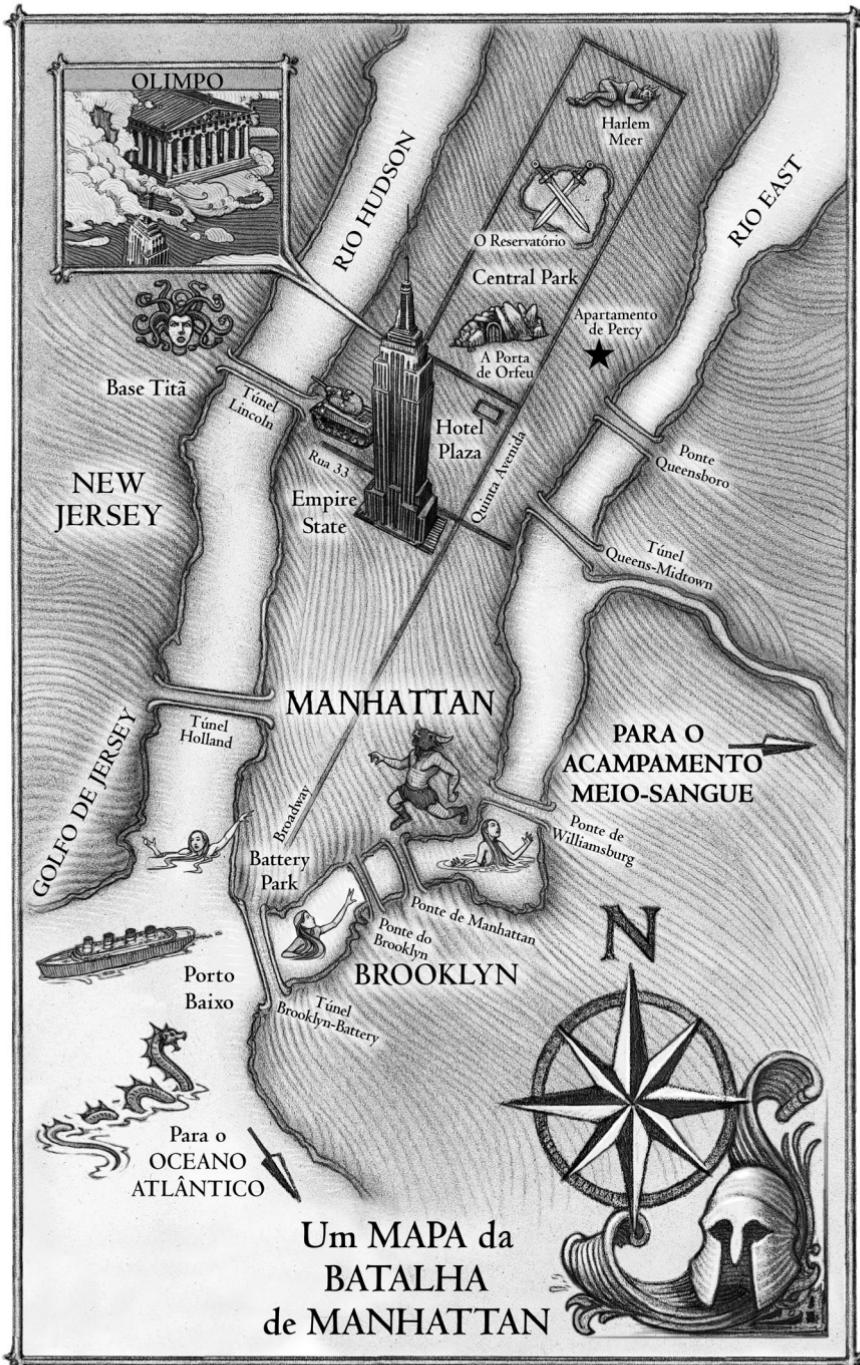
14-13603 CDD: 028.5
CDU: 087.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 - Gávea
Rio de Janeiro - RJ
Tel. / Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para a sra. Pabst,
minha professora de inglês do oitavo ano,
que me iniciou na jornada de ser escritor.*



S U M Á R I O

UM EMBARCO EM UM CRUZEIRO EXPLOSIVO	9
DOIS ENCONTRO ALGUNS PARENTES PEIXES	31
TRÊS DOU UMA ESPIADA NA MINHA MORTE	47
QUATRO QUEIMAMOS UMA MORTALHA DE METAL	66
CINCO ENFIO MINHA CADELA EM UMA ÁRVORE	82
SEIS MEUS BISCOITOS QUEIMAM	93
SETE MINHA PROFESSORA DE MATEMÁTICA ME DÁ UMA CARONA	113
OITO TOMO O PIOR BANHO DA MINHA VIDA	131
NOVE DUAS COBRAS SALVAM A MINHA VIDA	145
DEZ COMPRO ALGUNS NOVOS AMIGOS	168
ONZE DERRUBAMOS UMA PONTE	185
DOZE RACHEL FECHA UM PÉSSIMO ACORDO	198

TREZE UM TÍTÃ ME TRAZ UM PRESENTE	218
CATORZE PORCOS VOAM	233
QUINZE QUÍRON DÁ UMA FESTA	257
DEZESSEIS RECEBEMOS AJUDA DE UM LADRÃO	276
DEZESSETE SENTO-ME NA CADEIRA QUENTE	297
DEZOITO MINHA FAMÍLIA ENTRA NA LUTA	313
DEZENOVE DESTRUÍMOS A CIDADE ETERNA	322
VINTE RECEBEMOS RECOMPENSAS FABULOSAS	340
VINTE E UM BLACKJACK É SEQUESTRADO	357
VINTE E DOIS SOU DESPEJADO	364
VINTE E TRÊS DIZEMOS ADEUS, OU QUASE ISSO	377



EMBARÇO EM UM CRUZEIRO EXPLOSIVO

O fim do mundo começou quando um pégaso pousou no capô de meu carro.

Até então, minha tarde estava ótima. Tecnicamente, eu não devia estar dirigindo, pois ainda faltava uma semana para completar dezesseis anos, mas minha mãe e meu padrasto, Paul, levaram a mim e a minha amiga Rachel para um trecho de estrada em uma praia particular em South Shore, e Paul nos emprestou seu Prius para uma voltinha.

Ora, eu sei que você está pensando: *Puxa, isso é uma grande irresponsabilidade dele, blá-blá-blá*, mas Paul me conhece muito bem. Ele já me vira fatiar demônios e saltar de janelas de escolas em chamas, então provavelmente concluiu que guiar um carro algumas centenas de metros não era exatamente a coisa mais perigosa que eu já havia feito.

Seja como for, Rachel e eu estávamos sozinhos no carro. Era um dia quente de agosto. O cabelo vermelho de Rachel estava preso em um rabo de cavalo e ela usava uma blusa branca sobre o maiô. Eu nunca a tinha visto com outra roupa que não camisetas velhas e jeans rabiscados, ela estava bonita como um milhão de dracmas de ouro.

— Ah, pare ali! — ela me disse.

Estacionamos num recuo que dava para o Atlântico. O mar é sempre um de meus locais favoritos, e naquele dia estava especialmente bonito — de um verde resplandecente, e liso como vidro, como se meu pai o estivesse mantendo tranquilo só para nós dois.

Meu pai, por falar nisso, é Poseidon. Ele pode fazer esse tipo de coisa.

— E então? — Rachel sorria para mim. — Sobre aquele convite.

— Ah... certo. — Tentei parecer animado.

Bem, ela me convidara para passar três dias na casa de praia de sua família na ilha de St. Thomas. Eu não recebia muitos convites assim. A ideia de férias bacanas para minha família era um fim de semana em um chalé velho em Long Island, com alguns filmes alugados e pizzas congeladas, e a família de Rachel estava me chamando para ir com eles para o Caribe.

Além disso, eu precisava mesmo de férias. O último verão fora o mais árduo de minha vida. A possibilidade de descansar por alguns dias era realmente tentadora.

Ainda assim, a expectativa era que algo importante acontecesse a qualquer dia. Eu estava “à espera” de uma missão. Ainda pior, meu aniversário seria na semana seguinte, e havia aquela profecia que dizia que quando eu completasse dezesseis anos coisas ruins aconteceriam.

— Percy — ela disse —, sei que a hora é ruim. Mas é *sempre* ruim para você, não é?

O argumento dela era bom.

— Eu quero ir, de verdade — garanti. — É só...

— A guerra.

Assenti. Eu não gostava de falar sobre isso, mas Rachel sabia. Ao contrário da maioria dos mortais, ela podia ver através da Névoa

— o véu mágico que distorce a visão humana. Ela vira monstros. Conhecera alguns dos outros semideuses que lutavam contra os titãs e os aliados deles. Ela, inclusive, estava presente no último verão, quando o despedaçado Senhor Cronos se ergueu de seu caixão em uma forma nova e terrível, e conquistara meu respeito eterno ao acertá-lo no olho com uma escova de cabelos de plástico azul.

Ela pôs a mão em meu braço.

— Pelo menos pense a respeito, o.k.? Só vamos daqui a dois dias. Meu pai... — Sua voz falhou.

— Tem tido problemas com ele? — perguntei.

Rachel sacudiu a cabeça, infeliz.

— Ele está tentando ser *legal* comigo, o que é quase pior. Quer que eu vá para a Academia de Moças de Clarion no outono.

— A escola que sua mãe frequentou?

— É uma escola estúpida para garotas da sociedade, lá em New Hampshire. Você consegue me ver em uma escola para moças?

Tinha de admitir que a ideia parecia bastante estúpida. Rachel gostava de se dedicar a projetos de arte urbana, de alimentar os sem-teto, de frequentar manifestações de protesto para “*Salvar o Pica-pau-de-barriga-amarela em Risco de Extinção*” e de coisas desse tipo. Eu nunca nem mesmo a vira usar um vestido. Era difícil imaginá-la aprendendo a ser uma *socialite*.

Ela suspirou.

— Ele acha que se fizer um monte de coisas legais para mim vou me sentir culpada e ceder.

— E foi por isso que ele concordou em me deixar ir com vocês de férias?

— Sim... mas, Percy, você estaria me fazendo um imenso favor. Seria *tão* melhor se você estivesse conosco. Além disso, tem um assunto que eu queria comentar... — Ela se deteve abruptamente.

— Um assunto que você quer falar comigo? — perguntei. — Quer dizer... é tão sério que precisamos ir a St. Thomas para conversar a respeito?

Ela franziu os lábios.

— Olhe, esqueça isso por ora. Vamos fingir que somos um casal de pessoas normais. Saímos para dar um passeio e estamos olhando o oceano, porque é legal ficar junto.

Eu podia ver que algo a incomodava, mas ela exibiu um sorriso corajoso. A luz do sol fazia seu cabelo parecer feito de fogo.

Havíamos passado um bocado de tempo juntos naquele verão. Eu não havia exatamente planejado desse modo, porém, quanto mais seria a situação ficava no acampamento, mais eu tinha necessidade de ligar para Rachel e dar uma escapada, só para respirar um pouco. Precisava me lembrar de que o mundo mortal ainda estava lá, distante de todos os monstros que queriam me usar como saco de pancadas.

— O.k. — concordei. — Apenas uma tarde normal e duas pessoas normais.

Ela assentiu.

— E então... hipoteticamente, se essas duas pessoas se gostassesem, o que seria preciso para que o garoto estúpido beijasse a garota, hein?

— Ah... — Eu me senti como uma das vacas sagradas de Apolo: lento, burro e vermelho. — Hã...

Não posso fingir que não pensava em Rachel. Era tão mais fácil ficar na companhia dela do que na de... bem, do que na de algumas outras garotas que eu conhecia. Eu não precisava me esforçar, nem tomar cuidado com o que falava, nem queimar o cérebro para decifrar o que ela estava pensando. Rachel não escondia muito. Ela demonstrava o que sentia.

Eu não sei o que teria feito a seguir — mas estava tão distraído que não percebi a forma enorme e escura descendo do céu até quatro cascos pousarem no capô do Prius com um *WUMP-WUM-CRUNCH!*

Ei, chefe, disse uma voz acima da minha cabeça. *Que carro bacana!*

O pégaso Blackjack era um velho amigo, então tentei não ficar muito aborrecido com as crateras que ele acabara de abrir no capô; mas não achava que meu padrasto fosse ficar muito alegre.

— Blackjack! — Suspirei. — O que você está...

Então vi quem o estava montando e percebi que meu dia estava prestes a se complicar... e muito.

— E aí, Percy?

Charles Beckendorf, líder do chalé de Hefesto, faria a maioria dos monstros chorar chamando pela mamãe. Ele era enorme, tinha músculos muito definidos por causa do trabalho nas forjas todo verão, era dois anos mais velho que eu e um dos melhores ferreiros de armadura do acampamento. Ele criou verdadeiras engenhocas mecânicas para mim. Um mês antes, montara um mecanismo grego incendiário no banheiro de um ônibus de turismo que levava um bando de monstros para o outro lado do país. A explosão liquidou uma legião inteira de seres malignos de Cronos assim que a primeira harpia deu a *descarga*.

Beckendorf estava vestido para o combate. Usava um peitoral de bronze, um elmo de guerra, calça de camuflagem preta e uma espada presa por correia na lateral do corpo. Sua sacola de explosivos pendia a tiracolo.

— Está na hora? — perguntei.

Ele assentiu, sombriamente.

Um nó formou-se em minha garganta. Eu sabia que aquilo estava por vir. Havíamos planejado durante semanas, mas eu de certo modo esperava que nunca acontecesse.

Rachel olhou para Beckendorf.

— Oi.

— Ah, ei. Eu sou Beckendorf. Você deve ser Rachel. Percy me falou... hã, quer dizer, ele mencionou você.

Rachel ergueu uma sobrancelha.

— Verdade? Bom. — Ela olhou para Blackjack, que batia os cascos no capô do Prius. — Acho então que vocês precisam salvar o mundo agora.

— É por aí — concordou Beckendorf.

Olhei para Rachel, impotente.

— Você pode dizer a minha mãe...

— Eu digo a ela. Tenho certeza de que já está acostumada. E explico a Paul sobre o capô.

Fiz um gesto com a cabeça, agradecendo. Pensei que provavelmente seria a última vez que Paul me emprestava seu carro.

— Boa sorte. — Rachel me beijou antes que eu pudesse sequer reagir. — Agora, vá, meio-sangue. Mate alguns monstros por mim.

Minha última visão dela foi sentada no banco do carona do Prius, de braços cruzados, olhando Blackjack descrever círculos no ar, cada vez mais alto, levando-me com Beckendorf para o céu. Imaginei o que Rachel queria falar comigo, e se eu viveria tempo suficiente para descobrir.

— Então — disse Beckendorf —, acho que você não vai querer que eu comente aquela pequena cena com Annabeth.

— Ah, céus! — murmurei. — Nem pense nisso.

Beckendorf deu uma risadinha, e juntos fomos planando acima do Atlântico.

Era quase noite quando avistamos nosso alvo. O *Princesa Andrômeda* brilhava no horizonte — um imenso navio de cruzeiro iluminado

de amarelo e branco. A distância podia-se pensar que se tratava apenas de um navio de turismo, e não do quartel-general do Senhor dos Titãs. Então, à medida que se aproximava, podia-se notar a gigantesca figura de proa — uma donzela de cabelos escuros em uma túnica grega, envolta em correntes, com uma expressão de horror no rosto, como se pudesse sentir o fedor de todos os monstros que estava sendo obrigada a carregar.

Ver o navio novamente fez meu estômago se revirar. Por duas vezes eu quase morrera no *Princesa Andrômeda*. Agora o navio estava seguindo direto para Nova York.

— Sabe o que fazer? — gritou Beckendorf acima do ruído do vento.

Confirmei com um aceno de cabeça. Havíamos ensaiado nos estaleiros de New Jersey, usando navios abandonados como alvo. Eu sabia que teríamos pouco tempo. Mas também sabia que aquela era nossa melhor oportunidade de pôr fim à invasão de Cronos antes mesmo de seu início.

— Blackjack — eu disse —, deixe-nos na popa, no convés mais baixo.

Entendido, chefe, ele disse. *Cara, odeio ver esse navio.*

Três anos antes Blackjack fora mantido como escravo no *Princesa Andrômeda*, até escapar com uma pequena ajuda minha e de meus amigos. Acho que ele preferiria ter a crina trançada como a do Meu Querido Pônei a voltar ali.

— Não espere por nós — eu lhe disse.

Mas, chefe...

— Confie em mim. Vamos sair sozinhos.

Blackjack encolheu as asas e mergulhou na direção do navio como um cometa negro. O vento zumbia em meus ouvidos. Eu via monstros patrulhando os conveses superiores do navio —

dracaenae, cães infernais, gigantes e leões-marinhos humanoides demoníacos conhecidos como telquines —, mas passamos por eles tão rápido que ninguém deu o alarme. Descemos em disparada até a popa da embarcação, e Blackjack abriu as asas, pousando suavemente no convés inferior. Desmontei, sentindo-me enjoado.

Boa sorte, chefe, disse Blackjack. *Não deixe que eles o transformem em comida de tubarão!*

Com isso, meu velho amigo voou para dentro da noite. Tirei minha caneta do bolso e a destampei, e Contracorrente se expandiu até seu tamanho real — noventa centímetros de bronze celestial letal brilhando no cair da noite.

Beckendorf tirou um pedaço de papel do bolso. Pensei que fosse um mapa ou algo assim. Então percebi que era uma foto. Ele a fitou na luz fraca — o rosto sorridente de Silena Beauregard, filha de Afrodite. Eles tinham começado a namorar no último verão, depois de todos dizerem durante anos: “Dã, vocês gostam um do outro!” Apesar de todas as missões perigosas, naquele verão Beckendorf parecia mais feliz do que eu jamais o vira.

— Vamos voltar ao acampamento — prometi.

Por um segundo vi a preocupação em seus olhos. Então, ele voltou a mostrar seu velho sorriso confiante.

— Pode apostar — ele disse. — Vamos explodir Cronos em um milhão de pedaços.

Beckendorf ia à frente. Seguimos por um corredor estreito até a escada de serviço, exatamente como havíamos treinado, mas ficamos imóveis ao ouvir ruídos acima de nós.

— Não ligo para o que seu nariz diz! — rosnou a voz meio humana, meio canina de um telquine. — A última vez que você farejou um meio-sangue era um sanduíche de bolo de carne!

— Sanduíche de bolo de carne é gostoso — rosnou uma segunda voz. — Mas esse cheiro é de meio-sangue, eu juro. Eles estão a bordo!

— Seu *cérebro* é que não está a bordo!

Continuaram a discutir, e Beckendorf apontou para os degraus que levavam para baixo. Descemos o mais silenciosamente possível. Dois conveses abaixos a voz dos telquines começou a sumir.

Finalmente chegamos a uma escotilha de metal. Beckendorf balbuciou: “Sala das máquinas.”

Estava trancada, mas Beckendorf tirou um alicate da bolsa e partiu o cadeado como se fosse de manteiga.

Lá dentro, uma fileira de turbinas amarelas, do tamanho de silos de grãos, agitava-se e zumbia. Medidores de pressão e terminais de computador alinhavam-se na parede oposta. Um telquine encontrava-se curvado sobre um console, mas estava tão absorto no trabalho que não percebeu nossa presença. Tinha cerca de um metro e meio, pelo negro e liso de leão-marinho e pequenos pés atarracados. A cabeça era de dobermann, mas as mãos com garras eram quase humanas. Grunhia e murmurava enquanto digitava no teclado. Talvez estivesse mandando uma mensagem para os amigos no carafeia.com.

Dei um passo à frente, e ele retesou o corpo, provavelmente farejando algum problema. Virou de lado na direção de um grande botão de alarme vermelho, mas bloqueei seu caminho. Ele sibilou e saltou sobre mim, mas um movimento de Contracorrente o fez explodir em uma nuvem de pó.

— Um a menos — disse Beckendorf. — Agora faltam uns cinco mil.

Ele jogou para mim um frasco de um líquido verde espesso — fogo grego, uma das substâncias mágicas mais perigosas do

mundo. Então, lançou outro acessório essencial aos heróis semi-deuses — fita adesiva.

— Prenda esse ao console — ele disse. — Eu vou para as turbinas.

Pusemos mãos à obra. A sala era quente e úmida, e logo, logo estávamos empapados de suor.

O navio prosseguia. Por ser filho de Poseidon, tenho ótima orientação no mar. Não me pergunte como, mas eu sabia que estávamos a 40°19' Norte, 71°90' Oeste, seguindo a dezoito nós, o que significava que o navio chegaria ao porto de Nova York ao amanhecer. Aquela seria nossa única chance de detê-lo.

Eu acabara de prender um segundo frasco de fogo grego aos painéis de controle quando ouvi o ruído de pés nos degraus de metal — eram tantas as criaturas descendo a escada que eu podia ouvi-las apesar do barulho dos motores. Aquilo não era um bom sinal.

Meus olhos encontraram os de Beckendorf.

— Quanto tempo mais?

— Bastante tempo. — Ele bateu no relógio, que era nosso detonador de controle remoto. — Ainda preciso conectar o receptor e dar a carga. Mais dez minutos, pelo menos.

A julgar pelo som dos passos, tínhamos cerca de dez segundos.

— Vou distraí-los — eu disse. — Vejo você no ponto de encontro.

— Percy...

— Deseje-me sorte.

Ele pareceu querer discutir. A ideia era entrar e sair sem sermos vistos. Mas teríamos de improvisar.

— Boa sorte — ele disse.

Abri a porta e saí.

• • •

Meia dúzia de telquines vinha descendo ruidosamente. Cortei-os com Contracorrente tão rápido que nem tiveram tempo de gritar. Continuei subindo — e passei por outro telquine, que ficou tão atônito que deixou cair sua lancheira do Meu Querido Pônei do Mal. Deixei-o vivo — em parte porque sua lancheira era legal, em parte para que ele pudesse dar o alarme e fazer com que seus amigos me seguissem em vez de irem para a sala das máquinas.

Saí por uma porta no convés 6 e continuei correndo. Tenho certeza de que o corredor acarpetado um dia fora bem macio, mas durante os últimos três anos de ocupação de monstros o papel de parede, o carpete e as portas dos camarotes foram tão arranhados por garras e cobertos por limo que pareciam a parte interna da garganta de um dragão (e, sim, infelizmente, falo por experiência própria).

Em minha primeira visita ao *Princesa Andrômeda*, meu velho inimigo Luke, para manter as aparências, levava a bordo alguns turistas atordoados, envoltos pela Névoa, de modo a não se darem conta de que estavam em um navio infestado por monstros. Agora eu não via sinal algum de turistas. Odiava pensar no que havia acontecido a eles, mas duvidava que os tivessem deixado ir para casa com seus ganhos no bingo.

Alcancei a área externa, um grande shopping aberto que tomava todo o centro do navio, e de repente me detive. No meio do pátio havia uma fonte. E, sobre ela, estava um caranguejo gigante.

Não estou falando “gigante” como uma oferta especial na lan-chonete Rei dos Caranguejos. Digo *gigante* porque era maior do que a fonte. O monstro erguia-se a três metros da água. Seu casco era ma-lhado de azul e verde, e as pinças eram maiores do que meu corpo.

Se você já viu a boca de um caranguejo, toda espumosa e nojenta, com pelos e restos de comida, pode imaginar que a daquele não parecia nem um pouco melhor, ampliada ao tamanho de um outdoor. Seus olhos negros semelhantes a contas me fitaram, e eu pude ver que neles havia inteligência — e ódio. O fato de eu ser filho do deus do mar não me garantiria pontos com o sr. Caranguejo.

— *FFFFfffff* — ele sibilou, espuma do mar pingando de sua boca. O cheiro que vinha dela era como o de uma lixeira cheia de pedaços de peixe que haviam ficado a semana inteira ao sol.

O alarme soou, estridente. Logo eu teria muita companhia, e precisava seguir adiante.

— Ei, zangado. — Fui avançando bem devagar pela margem do pátio. — Eu vou apenas passar bem longe de você para...

O caranguejo moveu-se numa velocidade impressionante. Saiu rapidamente da fonte e veio diretamente até mim, as pinças abrindo e fechando. Entrei correndo em uma loja de suvenires, abrindo caminho em meio a uma arara de camisetas. Uma pinça estilhaçou as vitrines e revirou a loja. Corri de volta para fora, respirando ofegante, mas o sr. Caranguejo virou-se e me seguiu.

— Ali! — disse uma voz do balcão acima de mim. — Intruso!

Se eu queria criar uma distração, conseguira, mas não era ali que eu queria lutar. Se fosse apanhado no centro do navio, viraria comida de caranguejo.

O demoníaco crustáceo lançou-se sobre mim. Brandi Contracorrente, arrancando a ponta de sua pinça. Ele sibilou e espumou, mas não parecia muito machucado.

Tentei me lembrar de algum detalhe das histórias antigas que pudesse me ajudar com aquela criatura. Annabeth me falara sobre um caranguejo monstro — algo a respeito de Hércules tê-lo es-

magado com o pé? Isso não funcionaria ali. Aquele caranguejo era um pouco maior do que meu tênis.

Então, um estranho pensamento me ocorreu. No Natal passado, minha mãe e eu havíamos levado Paul Blofis para nossa velha cabana em Montauk, para onde íamos desde sempre. Paul me levara para pescar caranguejos, e quando puxou a rede cheia daquelas coisas me mostrou que os animais têm uma fenda em sua casca, bem no meio da barriga asquerosa.

O único problema era chegar à barriga asquerosa.

Olhei para a fonte, em seguida para o piso de mármore, já escorregadio com a passagem do crustáceo. Ergui a mão, concentrando-me na água, e a fonte explodiu. A água jorrou para todos os lados, a uma altura de três andares, encharcando os balcões, os elevadores e as vitrines das lojas. O caranguejo não deu a mínima. Ele adorava água. Veio até mim de lado, abrindo e fechando as pinças, sibilando, e corri ao seu encontro, gritando:

— AHHHHHHHH!

Um instante antes de colidirmos atirei-me no chão — ao estilo dos jogadores de beisebol — e deslizei no piso de mármore molhado por debaixo da criatura. Era como deslizar por baixo de um veículo blindado de sete toneladas. Tudo que o caranguejo precisava fazer era abaixar e me esmagar, mas, antes que ele se desse conta do que estava acontecendo, finquei Contracorrente na fenda em seu casco, soltei-a e tomei impulso para sair por trás do bicho.

O monstro estremeceu e emitiu um silvo. Seus olhos se dissolveram. Sua casca tornou-se de um vermelho vivo enquanto as entranhas evaporavam. A casca vazia chocou-se contra o chão, um bloco enorme e maciço.

Eu não tinha tempo para admirar minha obra. Corri para a escada mais próxima enquanto à minha volta monstros e se-

mideuses gritavam ordens e pegavam suas armas. Eu estava de mãos vazias. Contracorrente era mágica e apareceria em meu bolso mais cedo ou mais tarde, mas por enquanto estava presa em algum lugar sob os destroços do caranguejo, e eu não tinha tempo de pegá-la.

No hall dos elevadores do convés 8 duas *dracaenae* atravessaram meu caminho coleando. Da cintura para cima, eram mulheres com pele escamosa verde, olhos amarelos e línguas bífidas. Da cintura para baixo tinham corpos duplos de cobra no lugar de pernas. Empunhavam lanças e redes com pesos, e eu sabia, por experiência própria, que elas sabiam usá-las.

— O que é isssto? — perguntou uma delas. — Um brinde para Cronosss!

Eu não estava com disposição para brincar de “cobra-cega”, mas à minha frente havia um estande com uma maquete do navio e um painel do tipo VOCÊ ESTÁ AQUI. Arranquei a maquete do suporte e a lancei sobre a primeira *dracaena*. O navio a atingiu no rosto, e ela caiu no chão. Saltei sobre ela, agarrei a lança de sua amiga e a girei. Ela chocou-se contra o elevador, e eu continuei correndo em direção à proa do navio.

— Peguem-no! — ela gritou.

Cães infernais latiam. Uma flecha vindinha de sabe-se lá onde passou zunindo por meu rosto e cravou-se na parede revestida de mogno da escada.

Eu não ligava — contanto que mantivesse os monstros longe da sala das máquinas e ganhasse tempo para Beckendorf.

Enquanto eu subia correndo a escada, um garoto vinha descedendo. Parecia ter acabado de acordar de um cochilo. Sua armadura estava colocada pela metade. Ele sacou a espada e gritou: “Cronos!”, mas soou mais assustado do que furioso. Não podia ter mais

de doze anos — aproximadamente a idade que eu tinha quando cheguei pela primeira vez ao Acampamento Meio-Sangue.

Esse pensamento me deprimiu. O garoto estava sofrendo uma lavagem cerebral — estava sendo treinado para odiar os deuses e se rebelar contra o fato de ter nascido metade olimpiano. Cronos o estava usando, e, no entanto, o garoto acreditava que eu era seu inimigo.

Eu não o machucaria, de maneira alguma. Não precisava de uma arma para isso. Desviei-me de seu golpe e agarrei-lhe o pulso, batendo-o contra a parede. A espada caiu de sua mão.

Então, fiz algo que não havia planejado. Provavelmente, foi estúpido. Decididamente coloquei em risco nossa missão, mas não pude evitar.

— Se quer viver — eu lhe disse —, saia deste navio agora. Avise os outros semideuses. — Então, o empurrei degraus abaixo, mandando-o aos tropeços para o piso inferior.

Continuei subindo.

Más recordações: um corredor passava pela cafeteria. Anna-beth, meu meio-irmão Tyson e eu o havíamos percorrido furtivamente três anos antes, em minha primeira visita.

Saí no convés principal. Além da amurada de bombordo, o céu escurecia, passando do púrpura para o negro. Uma piscina reluzia entre duas torres de vidro com mais balcões e varandas de restaurantes. Toda a parte superior do navio parecia sinistramente deserta.

Tudo o que eu precisava fazer era atravessar para o outro lado. Então, poderia tomar a escada que descia para o heliporto — nosso ponto de encontro de emergência. Com alguma sorte, Beckendorf estaria ali. Nós pularíamos no mar. Meus poderes aquáticos protegeriam nós dois, e detonaríamos as cargas explosivas a uns quatrocentos metros dali.

Eu havia atravessado metade do convés quando o som de uma voz me deixou paralisado.

— Está atrasado, Percy.

Luke estava no balcão acima de mim, um sorriso no rosto marcado pela cicatriz. Ele usava jeans, camiseta branca e chinelos de dedo, como se fosse um rapaz normal, mas seus olhos revelavam a verdade. Eram de um dourado intenso.

— Estamos esperando você há dias.

A princípio, a voz dele soava normal, como a de Luke. Mas então seu rosto se contorceu. Um tremor percorreu seu corpo, como se ele tivesse acabado de beber algo de sabor detestável. Sua voz tornou-se mais pesada, ancestral e poderosa — a voz do Senhor Titã Cronos. As palavras desciam raspando pela minha espinha, como a lâmina de uma faca.

— Venha curvar-se diante de mim.

— Certo, fique esperando — murmurei.

Lestrigões gigantes formaram fila de ambos os lados da piscina, como se estivessem esperando uma deixa. Cada um deles tinha dois metros e meio de altura, braços tatuados, armadura de couro e porretes com espigões. Arqueiros semideuses surgiram no andar acima de Luke. Dois cães infernais saltaram do balcão do outro lado e rosнaram para mim. Em segundos eu estava cercado. Uma armadilha: não havia como eles terem assumido posição tão rápido, a menos que soubessem que eu viria.

Ergui os olhos para Luke, e a raiva ferveu dentro de mim. Eu não sabia se a consciência de Luke ainda estava viva dentro daquele corpo. Talvez, pelo modo como sua voz mudara... ou talvez fosse apenas Cronos se adaptando à nova forma. Disse a mim mesmo que isso não importava. Luke havia se desviado e se bandeado para o mal muito antes de Cronos se apoderar dele.

Uma voz em minha cabeça disse: *Precisarei lutar contra ele mais dia, menos dia. Por que não agora?*

Segundo a grande profecia, eu teria de fazer uma escolha que salvaria ou destruiria o mundo quando tivesse dezesseis anos. Isso seria dali a apenas sete dias. Por que não naquele momento? Se eu tivesse mesmo tal poder, que diferença faria uma semana? Podia pôr fim àquela ameaça bem ali, abatendo Cronos. Ei, eu já lutara contra monstros e deuses.

Como se lesse meus pensamentos, Luke sorriu. Não, ele era *Cronos*. Eu precisava me lembrar disso.

— Aproxime-se — ele disse. — Se tiver coragem.

A multidão de monstros abriu caminho. Subi as escadas, o coração em disparada. Tinha certeza de que alguém me apunhalaria pelas costas, mas me deixaram passar. Tateei o bolso e encontrei minha caneta à espera. Destampei-a, e Contracorrente transformou-se em espada.

A arma de Cronos apareceu em suas mãos — uma foice de quase dois metros, metade bronze celestial, metade aço letal. Só de olhar para aquela coisa meus joelhos se transformavam em gelatina. Mas, antes que eu mudasse de ideia, ataquei.

O tempo desacelerou. Quer dizer, literalmente mesmo, pois Cronos tinha esse poder. Minha sensação era de estar me movendo em meio a um melado. Meus braços estavam tão pesados que eu mal conseguia erguer a espada. Cronos sorriu, girando a foice em velocidade normal e esperando que eu me arrastasse para a morte.

Tentei lutar contra sua magia. Concentrei-me no mar à volta — a origem de meu poder. Com o passar dos anos, eu melhorara minha capacidade de canalizá-lo, mas agora nada parecia acontecer.

Dei outro passo vagaroso à frente. Gigantes zombavam. *Dracae-nae* sibilavam às gargalhadas.

Ei, oceano, implorei. Agora estaria ótimo.

De repente, senti uma dor lancinante na barriga. O navio adernou, derrubando monstros. Quinze mil litros de água salgada ergueram-se da piscina, encharcando a mim, Cronos e todos que estavam no convés. A água me revitalizou, quebrando o feitiço do tempo, e investi contra Cronos.

Eu o ataquei, mas ainda fui lento demais. Cometi o erro de olhar para seu rosto — *o rosto de Luke* —, um cara que já fora meu amigo. Por mais que eu o odiasse, era difícil matá-lo.

Cronos, diferentemente, não hesitou e baixou a foice. Saltei para trás, e a lâmina maligna errou por pouco mais de um centímetro, abrindo um buraco no convés bem entre meus pés.

Chutei Cronos no peito. Ele cambaleou para trás, mas era mais pesado do que Luke seria. Tive a sensação de ter chutado uma geladeira.

Ele brandiu a foice novamente. Eu a desviei com Contracorrente, mas seu golpe foi tão poderoso que minha lâmina mal pôde desviá-lo. A ponta da foice cortou a manga da minha camisa e arranhou meu braço. Não era um ferimento sério, mas todo aquele lado de meu corpo explodiu de dor. Lembrei-me do que um demônio marinho uma vez dissera sobre a foice de Cronos: *Cuidado, seu tolo. Um só toque e a lâmina vai separar sua alma de seu corpo.* Agora comprehendia o que ele quis dizer. Eu não estava apenas perdendo sangue. Podia sentir minha força, minha vontade, minha identidade se esvaindo.

Recuei, cambaleando, passei a espada para a mão esquerda e investi contra ele desesperadamente. Minha lâmina deveria tê-lo atravessado, mas foi desviada em sua barriga, como se tivesse atingido mármore sólido. Não havia como ele ter sobrevivido àquele golpe.

Cronos riu.

— Que desempenho fraco, Percy Jackson. Luke me diz que você nunca foi páreo para ele com a espada.

Minha visão estava turva. Eu sabia que não tinha muito tempo.

— Luke deixava que qualquer vitoriazinha lhe subisse à cabeça — eu disse. — Mas pelo menos a cabeça era *dele*.

— É uma pena matá-lo agora — replicou Cronos —, antes que o plano final se revele. Eu adoraria ver o terror em seus olhos quando soubesse como vou destruir o Olimpo.

— Você nunca vai chegar com este navio a Manhattan.

Meu braço latejava. Pontos negros dançavam diante de meus olhos.

— E por que não? — Os olhos dourados de Cronos cintilavam. Seu rosto, o rosto de Luke, parecia uma máscara, sobrenatural e iluminada por algum poder maligno. — Você estaria contando com seu amigo dos explosivos?

Ele baixou os olhos para a piscina e chamou:

— Nakamura!

Um adolescente usando uma armadura grega completa abriu caminho entre a multidão. Seu olho esquerdo estava coberto por um tapa-olho preto. Eu o conhecia, é claro: Ethan Nakamura, filho de Nêmesis. Eu salvara sua vida no Labirinto no verão passado, e, em troca, o delinquente ajudara Cronos a voltar à vida.

— Sucesso, meu senhor — gritou Ethan. — Nós o encontramos, exatamente como nos informaram.

Ele bateu palmas, e dois gigantes avançaram pesadamente, arrastando Charles Beckendorf entre eles. Meu coração quase parou. Beckendorf tinha um olho inchado e cortes por todo o rosto e nos braços. Sua armadura havia desaparecido e a camisa estava rasgada.

— Não! — gritei.

Os olhos de Beckendorf encontraram os meus. Ele olhou para a mão como se estivesse tentando me dizer algo. *O relógio*. Ainda

não o tinham tirado — e aquele era o detonador. Seria possível que os explosivos estivessem preparados para detonar? Certamente os monstros os teriam desarmado de imediato.

— Nós o encontramos na meia-nau — disse um dos gigantes —, tentando ir sorrateiramente para a sala das máquinas. Podemos comê-lo agora?

— Logo. — Cronos lançou a Ethan um olhar severo. — Tem certeza de que ele não armou os explosivos?

— Ele estava indo *para* a sala das máquinas, meu senhor.

— Como você sabe?

— Hã... — Ethan remexeu-se, desconfortável. — Ele estava indo naquela direção. E nos contou. Sua bolsa ainda está cheia de explosivos.

Lentamente, comecei a compreender. Beckendorf os enganara. Quando percebeu que seria capturado, virou-se para fazer parecer que ia na direção contrária. E os convenceu de que ainda não estivera na sala das máquinas. O fogo grego ainda podia ser ativado! Mas isso de nada nos servia, a menos que saíssemos do navio e o detonássemos.

Cronos hesitou.

Engula essa, rezei. A dor em meu braço agora era tamanha que eu mal podia suportar.

— Abra a bolsa dele — ordenou Cronos.

Um dos gigantes arrancou a sacola de explosivos dos ombros de Beckendorf. Espiou lá dentro, grunhiu e a virou de cabeça para baixo. Monstros em pânico recuaram, agitados. Se a sacola estivesse mesmo cheia de frascos de fogo grego, teríamos todos ido pelos ares. Mas o que caiu foi uma dúzia de latas de pêssegos em calda.

Eu podia ouvir a respiração de Cronos tentando controlar sua fúria.

— Você, por acaso — começou ele —, capturou esse semideus perto da cozinha?

Ethan ficou pálido.

— Hã...

— E por acaso mandou alguém de fato CHECAR A SALA DAS MÁQUINAS?

Ethan recuou, aterrorizado, fez meia-volta e correu.

Praguejei em silêncio. Agora tínhamos apenas alguns minutos antes que as bombas fossem desarmadas. Captei novamente o olhar de Beckendorf e fiz uma pergunta silenciosa, esperando que ele compreendesse: *Quanto tempo?*

Ele juntou os dedos e o polegar, fazendo um círculo. *Zero*. Não havia tempo algum de espera no timer. Se ele conseguisse pressionar o botão do detonador, o navio explodiria imediatamente. Nunca alcançaríamos uma distância segura para pressioná-lo. Os monstros nos matariam primeiro, ou desarmariam os explosivos — ou ambos.

Cronos voltou-se para mim com um sorriso torto.

— Você deve desculpar a incompetência de meu ajudante, Percy Jackson. Mas isso já não importa. Agora temos você. Há semanas sabíamos que viria.

Ele estendeu a mão e balançou um pequeno bracelete de prata com uma foice como pingente — o símbolo do Senhor dos Titãs.

O ferimento em meu braço estava acabando com minha capacidade de pensar, mas consegui murmurar:

— Dispositivo de comunicação... espião no acampamento.

Cronos deu uma risadinha.

— Não se pode contar com os amigos. Eles vão sempre desapontá-lo. Luke aprendeu essa lição da forma mais dura. Agora largue a espada e entregue-se a mim, ou seu amigo morre.

Engoli em seco. Um dos gigantes tinha a mão em torno do pescoço de Beckendorf. Eu não estava em condições de resgatá-lo, e, mesmo que tentasse, ele morreria antes que eu chegasse perto. Nós dois morreríamos.

Beckendorf balbuciou em silêncio: *Vá*.

Sacudi a cabeça. Eu não podia simplesmente abandoná-lo.

O segundo gigante ainda vasculhava as latas de pêssegos, e o braço esquerdo de Beckendorf estava livre, então. Ele o ergueu lentamente — na direção do relógio, no pulso direito.

Eu queria gritar: *NÃO!*

Naquele segundo, lá embaixo, perto da piscina, uma das *dra-
caenae* sibilou:

— O que ele essstá fazendo? O que é aquilo no pulssso dele?

Eu não tinha escolha. Atirei minha espada como um dardo contra Cronos. Ela quicou, inofensiva, em seu peito, mas pelo menos o assustou. Abri caminho aos empurroes por uma multidão de monstros e saltei pela amurada do navio — para a água, cem metros abaixo.

Ouvi um estrondo no fundo do navio. Monstros gritavam lá do alto para mim. Uma lança passou rente à minha orelha. Uma flecha perfurou minha coxa, mas eu mal tive tempo de registrar a dor. Mergulhei no mar e ordenei às correntes que me carregassem para longe — cem metros, duzentos metros.

Mesmo a distância, a explosão sacudiu o mundo. O calor queimou minha nuca. O *Princesa Andrômeda* explodiu de ambos os lados, uma bola maciça de chamas verdes elevando-se para o céu escuro, consumindo tudo.

Beckendorf, pensei.

Então, apaguei e desci como uma âncora na direção do fundo do mar.